

A SEXUALIDADE E A DEFESA DA LIBERDADE DO HOMEM

Francisco Alex Soares Matias³²

Maria Veralúcia Pessoa Porto³³

RESUMO

Na construção da sociedade moderna, tornou-se cada vez mais escassa a valorização das discussões acerca do sentimento humano, dos afetos e de sua relação com si mesmo e com o outro. A sociedade colocou o homem dentro de um contexto de repressão no qual a valorização exacerbada das técnicas de trabalho deve sobressair das características mais pertinentes a ação humana. Nesse contexto, o presente trabalho visa discutir acerca da subjetivação do homem a partir de seu cuidado com si mesmo e com o próximo, tendo como base a obra *história da sexualidade* de Michel Foucault. As discussões tendem a gerar uma reflexão acerca do homem em seu contexto de modernização e de como suas afetividades foram sendo tomadas por outros campos. Posteriormente, uma apresentação de como Foucault desenvolve seu pensamento sobre o cuidado de si findando com uma reflexão sobre a subjetivação do homem por meio da aceitação de suas afetividades.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Subjetivação. Afetividades.

1 INTRODUÇÃO

Na crescente sociedade capitalista, percebe-se a valorização que a técnica e a produção em larga escala de produtos de consumo possui dentro do meio social. Dessa forma, essa constante valorização desses meios de produção de massa, como também do crescente desenvolvimento das tecnologias de informação sociais e os outros veículos, acabam desvalorizando as peculiaridades que são próprias da condição humana. Nessa concepção, vê-se a necessidade do humano voltar a sentir afeto, prazeres e até mesmo de se entender como um ser dotado dessas características que o diferenciam dos demais seres no mundo.

³² Graduando do Curso de Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ Compus Universitário Central; E- mail: soaresalex491@gmail.com.

³³ Professora adjunta IV, do Departamento de Filosofia - DFI, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais - FAFIC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Graduada em Filosofia e com Mestrado em Filosofia Prática pela Universidade do Estado do Ceará - UECE. Doutorado sanduíche nas Universidade Federal da Paraíba - UFPB e Universidade Católica de Louvain-la-neuve, Bélgica. E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com.

Nessa perspectiva, o filósofo Michel Foucault desenvolve a sua teoria sobre o cuidado de que o homem deve ter a si mesmo. Dessa maneira, essa prática faria com que o homem não desvalorizasse suas capacidades, mas entendesse-as e as fosse capaz de aperfeiçoá-las. Nessa mesma perspectiva, o homem só pode cuidar daquilo que ele conhece; assim, para que esse cuidado de si seja estabelecido, o teórico propõe o conhecimento a ti mesmo. Essa prática por sua vez tende a fazer com que o eu do homem retorne a si e negue toda e qualquer outra ideologia ou influência que receba do meio social em que vive.

O presente escrito, tenta ressaltar, de forma geral essas reflexões por Foucault, como também apresentar de forma específica a sexualidade como sendo uma prática de liberdade do homem, por meio de um autoconhecimento de si mesmo e com as práticas do cuidado de si.

2 CUIDADO DE SI

Dentro das culturas das sociedades antigas, percebe-se a crescente valorização para um determinado padrão de indivíduo dentro da sociedade. As sociedades medievais, de certa forma, agiam segundo os critérios que a igreja acreditava ser os mais coerentes para a práxis humana. Todavia, a grande consequência para o seguimento de determinadas regras sociais que devessem restringir o agir humano é uma desvalorização das particularidades individuais de cada pessoa.

Com essa caracterização a respeito da relação do indivíduo com a sua sociedade, Foucault vai estabelecer a reflexão acerca da necessidade de a pessoa voltar a olhar para si próprio, criando uma cultura na qual o Eu particular pudesse ser encontrado novamente. A esse respeito, comenta-se:

Pode-se caracterizar brevemente essa "cultura de si" pelo fato de que a arte da existência a *techne tou biou* sob as suas diferentes formas nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso "ter cuidados consigo"; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. Mas é necessário precisar: a ideia segundo a qual deve-se aplicar-se a si próprio, ocupar-se consigo mesmo (*heautou*

epimeleisthai) é, de fato, um tema bem antigo na cultura grega. (FOUCAULT, 2005, p. 49)

Nesse sentido, entende-se que, dentro das sociedades antigas, houve uma supervalorização do meio social e uma desvalorização das singularidades do indivíduo. A chamada de atenção do filósofo contemporâneo, pede que o indivíduo volte a olhar para si próprio, sendo necessário ver e compreender o Eu particular de cada um. Assim, Foucault comenta sobre o princípio fundamental para esse olhar para si próprio:

O preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber. (FOUCAULT, 2005, p. 50)

Nessa conjuntura, a prática apresentada pelo Filósofo é de estabelecer o autoconhecimento, não se limitando às práticas sociais que estão impostas, mas aderindo a atitudes que possibilitem ao indivíduo um verdadeiro estar em si. Dessa maneira, o cuidado de si, *Epimeleia heautôn*, “não designa simplesmente uma preocupação, mas todo um conjunto de ocupações; trata-se de *epimeleia* quando se fala para designar as atividades do dono de casa, [...]. Igualmente, em relação a si mesmo, a *epimeleia* implica um labor” (FOUCAULT, 2005, pp. 55-56). Assim, o cuidado de si próprio, implica uma luta constante contra as suas implicações, imperfeições e desejos mais íntimos, o que resultam em um estar ligado consigo mesmo e com o outro, como surpreende Foucault com a observação de que compreende que os outros que o circundam também são constituídos desse eu profundo e necessário para uma existência efetiva.

3 CONHECE-TE A TI MESMO

Dentro do processo de subjetivação, após compreender a importância da cultura de si, faz-se necessário ressaltar a uma máxima que desde os gregos antigos é destacada: conhece-te a ti mesmo. Tal expressão aparece de forma inicial sendo citada por Sócrates, fazendo referência à prática que os homens deveriam ter de conhecimento de si, do questionar-se a si mesmo dentro de um processo dialético estando em busca daquilo que deveria ser a verdade de todas as coisas. Na concepção de Foucault, a expressão citada ajuda o homem a refletir a cerca de quem ele é, olhando para si próprio questionando-se e indagando-se sobre tudo aquilo que lhe é possível constituir como tal.

A prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, seja por si mesmo, ou por alguém que para isso tem competência. Cada um deve descobrir que está em estado de necessidade, e que lhe é necessário receber medicação e socorro (FOUCAULT, 2005, pp. 62-63).

Nessa compreensão, o filósofo destaca a importância de se conhecer o homem em sua totalidade a partir de suas capacidades e incapacidades individuais, sendo possível cuidar de si próprio ou, ainda, ser cuidado por outros com competência para tal necessidade. Dessa forma, compreende-se que “o objetivo comum dessas práticas de si, através das diferenças que elas apresentam, pode ser caracterizado pelo princípio do bem geral da conversão a si - do *epistrophe eis heauton*” (FOUCAULT, 2005, p. 69). Assim, a prática de um cuidado de si e de um conhecimento de si próprio, permite com que o homem chegue a seu processo pleno de subjetivação no qual ele está livre de qualquer coisa que possa restringir a sua liberdade individual.

Essa relação consigo, que constitui o termo da conversão e o objetivo final de todas as práticas de si, diz respeito ainda a uma ética do domínio. Entretanto, para caracterizá-lo não basta invocar a forma agonística de uma vitória sobre as forças difíceis de domar e de uma dominação capaz de ser exercida sobre elas sem contestação possível. Essa relação é pensada frequentemente através do modelo jurídico da

posse: pertencer "a si", ser "seu" (*suum fieri*, *suum esse*, são expressões que voltam sempre em Seneca); somente de si mesmo é que se depende, *é-se sui juris*; nada limita nem ameaça o poder que se exerce sobre si; detém-se a *potestas sui*. Mas através dessa forma, antes de mais nada política e jurídica, a relação consigo é também definida como uma relação concreta que permite gozar de si como que de uma coisa que ao mesmo tempo se mantém em posse e sob as vistas. Se converter-se a si é afastar-se das preocupações com o exterior, dos cuidados com a ambição, do temor diante do futuro, pode-se, então, voltar-se para o próprio passado, compilá-lo, passá-lo em revista e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará [...] (FOUCAULT, 2005, p. 70).

Em consonância a isso, o conhecimento de si propicia ao homem uma prática de liberdade na qual as suas capacidades antropológicas são ressaltadas de forma plena. Assim, o conhecimento de si próprio, corrobora na prática do cuidado consigo mesmo desagregando o cuidado demasiado com o mundo exterior. Nessa compreensão, o homem é capaz de se subjetivar e reconhecer de forma plena as suas capacidades particulares.

4 A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

Em consonância ao que já fora apresentado, vê-se a necessidade da análise da importância da moral sexual dentro do processo de subjetivação do homem. Dessa forma, o processo de subjetivação implica em propiciar ao homem a sua liberdade plena na qual esteja livre de qualquer outro processo que possa prender-lhe ou não constitui-lo como tal. Assim, a subjetivação do homem é ressaltar as capacidades inerentes a cada indivíduo, tornando-o consciente de suas aptidões.

Dentro desse processo, percebe-se a falha dentro de um dos elementos que são fundamentais para o processo de subjetivação do homem. Esse, destaca-se nas implicações a respeito de uma moral sexual advindo das sociedades antigas que reprimiam, reprovavam ou ignoravam de certa forma a sexualidade dos indivíduos, estabelecendo modelos de sexualidade a serem seguidos, fazendo do meio social um meio de promiscuidade. Dessa maneira, vê-se:

De modo geral, as sociedades antigas permaneceram sociedades de promiscuidade onde a existência era levada "em público", sociedades

também onde cada um se situava em fortes sistemas de relações locais, de vínculos familiares, de dependências econômicas, de relações de clientela e de amizade (FOUCAULT, 2005, p. 47).

Nessa conjuntura, Foucault tece críticas a essa forma de se ver a sexualidade do indivíduo. Nesse sentido, a sexualidade era interpretada de tal forma que acabava impedindo o homem de estabelecer a sua subjetivação enquanto tal, isto é, a repressão da sexualidade fazia com que os próprios indivíduos não se constituíssem enquanto tal e se apegassem a padrões estéticos e morais de sua sociedade, esses, marcados de preconceitos e da falta de aceitação das particularidades de cada pessoa.

Nessa perspectiva, o filósofo vai estabelecer a sexualidade como sendo um dos principais critérios para que a subjetivação e, conseqüentemente, a libertação do homem dos conceitos e pré-conceitos sociais estabelecidos pelo seu meio. Dessa forma, comenta-se:

Em resumo e em primeiríssima aproximação, essa majoração da austeridade sexual na reflexão moral não toma a forma de um estreitamento do código que define os atos proibidos, mas a de uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos. E é levando em conta uma semelhante forma que convém interrogar as motivações dessa moral mais severa (FOUCAULT, 2005, p. 47).

Dessa maneira, a desvalorização da moral sexual faz com que o cuidado de si defendido por Foucault seja colocada em cheque. Assim, o conhecimento e o cuidado de si só é possível se todos os aspectos da realidade humana forem levados em consideração e trabalhados para que o processo de subjetivação aconteça. Nessa compreensão, o processo de entendimento da sexualidade como prática da liberdade nasce como sendo essencial, vendo que esse aspecto da realidade humana é cada vez mais estigmatizado e colocado a seguir padrões sociais.

Todavia, o entendimento do homem como um ser sexual é garantia de um entendimento de si completo. Nessa questão, compreender o humano em sua totalidade é primordial para que o cuidado e o conhecimento se torne efetivo e o seu processo de subjetivação aconteça.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, nota-se que a sociedade atual necessita de um retorno à valorização do homem e de suas características enquanto tal. Fazendo com que as suas necessidades específicas sejam levadas em consideração. Dessa forma, a urgência do homem retornar ao conhecimento de si próprio e a uma valorização de suas capacidades individuais. A prática de um cuidado de si e um autoconhecimento de si próprio fazem com que o indivíduo garanta a sua liberdade de forma completa pautada no processo de subjetivação que lhes é necessário para alcançá-la.

Nessa compreensão, destacamos a necessidade de o homem ter boas relações com a sua sexualidade para que sua liberdade seja alcançada. Dessa forma, o homem é um ser sexual e essa não pode ser negada ou reprimida. Todavia, uma sexualidade bem aceita, faz com que o indivíduo compreenda o seu processo de subjetivação e o faça de forma tranquila, de modo a tornar a sua prática de cuidado consigo mesmo um movimento cotidiano por toda a sua vida.

6 REFERÊNCIAS

MICHEL, Foucault. **História da Sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

PORTO, Maria Veralúcia Pessoa. Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação. João Pessoa: Tese (Doutorado) – UFPB-UFPE-UFRN, 2017.